

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMENARIO REPUBLICANO

Numero 219

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

A IMPRENSA REPUBLICANA

Suspendeu a publicação, mas reapareceu pouco depois, o nosso prezado collega *O Debate*. E é claro que isso demonstrou, a toda a gente, que o excellente collega de Lisboa encontrou embaraços, que lhe dificultaram a existência.

Pois não deixa esse facto de ser significativo.

E' *O Debate* um jornal correcto, por todos, gregos e troianos, reconhecido como tal. Monarchicos e republicanos o teem applaudido pela sua imparcialidade, pela sua delicadeza de forma, sem excluir a energia da idéa, pelo seu impessoalismo, pairando sereno na região dos principios, que tem defendido com altivez e, ao mesmo tempo, com erudição e com intelligencia.

Não obstante, não tem navegado em mar de rosas, ao que se vê. Porque?

Não devemos saltar a pés juntos por cima das coisas, ou passar com indiferença por ellas. Devemos estudá-las, meditá-las, pesá-las nas suas causas e nos seus effectos, mesmo quando, á primeira vista, pareçam insignificantes. E' tempo de pararmos n'esta vida desatinada de irreflexões, de levandades, n'esta vida de doidivas que levamos ha muito. Tanto os homens, como os povos educados, que attingiram um grau superior de civilização, distinguem-se pelo seu espirito ponderado e sério. O homem é tanto mais irreflectido, tanto mais impulsivo quanto mais perto se encontra da selvageria.

O partido republicano é muito numeroso. Negá-lo é tolice. Nem mesmo colhe como expediente de occasião.

Fóra do partido republicano, oficialmente considerado, ha numerosas convicções democraticas. O descontentamento publico é enorme.

Tudo isto devia dar immensos leitores á imprensa republicana. Comtudo, não succede isso. Confessemos esta verdade, accetemo-la, que não se ganha nada, antes perde-se tudo, ou ganha-se ridiculo, só ridiculo, se querem que se ganhe alguma coisa, em negar a evidencia. Quando as verdades se impõem, o homem habil, o homem intelligente, vae ao encontro d'ellas em vez de lhes fugir. Se lhes foge, negando-as, não faz mais que despertar a indignação, ou o riso, a gargalhada publica.

A imprensa republicana não tem vida desafogada, não tem vida prospera. Consegue equilibrar-se, quando muito.

Porque?

Por muitas causas. Por ter perdido a auctoridade, por ter perdido o prestigio, por ter afugentado a confiança publica, á força d'um sectarismo estreito, de um partidarismo mesquinho, primeiro do que tudo. E a confiança publica, uma vez perdida, só com muito tempo e persistentes esforços se vem a readquirir.

A imprensa republicana foi, ao principio, a mais lida do paiz. Foi em nome dos principios democraticos, e á custa d'elles, que o *Seculo* se elevou, tornando-se o periodico portuguez de maior tiragem, de mais larga, de mais ampla circulação.

A *Vanguarda*, o *Paiz*, e outros, foram jornaes muito lidos. Emquanto durou o enthusiasmo, emquanto se manteve a confiança. Mas o enthusiasmo dura pouco em paizes sem cultura, sem educação, sem civismo. Mas a confiança extingue-se n'um meio egoista, desconfiado, sem nenhum espirito de solidariedade como este em que vivemos. Poderia ficar, ao menos, uma certa esperança. Mas para que essa subsistisse era necessario que a imprensa republicana se tivesse elevado acima das luctas de corrilhos, dos interesses de facção, se tivesse emancipado da influencia mesquinha do meio, se tivesse desprendido de falsas convenções, de erradas apreciações, se tivesse subtraído á tirannia despotica do influente bairrista, para fazer uma politica de doutrina, de principios, uma politica alta, patriótica, attendendo mais aos interesses da nação que aos interesses dos partidos, aos interesses geraes que aos interesses individuaes, guiando em vez de ser guiada, mandando em vez de ser mandada, tutelando em vez de ser tutelada, e guiando, mandando e tutelando sem se ensoberbecer e sem se amesquinhar, com a força sempre poderosa, sempre imponente, da imparcialidade, da razão, que, illuminada pela intelligencia, é a força vencedora da verdade, é a força esmagadora da justiça.

Não fez isso.

A pretexto da disciplina partidaria, não só tolerou, como defendeu, os maiores abusos, os maiores attentados á boa razão, á moral, á integridade dos principios, á justiça, commettidos por alguns dos mais salientes dos seus correligionarios. Podia chama-los brandamente ao bom caminho. Seria bastante, com prestigio proprio e da causa que defendia. Seria bastante, feito com habilidade e a tempo. Não o fazendo, como não fez, nem foi respeitada pelos proprios, nem foi respeitada pelos alheios. E' o que succede a toda a gente que se abaixa, que se amesquinha, que se deprime. Por melhor que seja

o panno, em lhe cahindo uma nodoa desmereceu no seu valor.

Querendo moralisar, desmoralizou. Querendo disciplinar, indisciplinou. E assim foi que não houve entre ella, nem em todo o partido republicano, o menor espirito de solidariedade, que se tem sido frouxo em toda a sociedade portugueza, foi inteiramente nullo no republicanismo indigena. Dividiu-o a rivalidade, a inveja, sentimentos ruins de varias especies.

Odiaram-se, não se amaram. Prejudicaram-se, não se auxiliaram. Guerream-se, não se pratearam. E ha de ser eternamente verdadeira a historia do velho que mostrava aos filhos as varinhas frageis, partindo-se uma a uma quando isoladas, resistindo tenazmente quando juntas. Mas para que a união seja uma força, ou, antes, para que se torne um facto, é indispensavel que tenha por base a lealdade, a verdade, a sinceridade. Sem isso não ha união. Não se liga a lealdade com a perfidia. Não se liga a verdade com a mentira. Nunca! Nunca! Excluem-se, repellem-se mutuamente. Essa união é impossivel.

Se juntarmos a essa causa de fraqueza, o sectarismo estreito que via como bom tudo que se fazia nas republicas, como mau tudo que se fazia nas monarchias, o habito de estudo trocado pelo habito de declamar, a critica serena substituida pelo vicio inventado da má lingua, os mexericos d'uma politiquice ignobil sobrepostos ás grandes questões de interesse publico, teremos a razão d'esse desalento, d'essa desconfiança, por assim dizer d'esse desgosto, que se apoderou da parte mais culta, mais moralizada, mais intelligente do paiz.

Todavia, é justo confessar-se —e com o maior prazer nós o registamos—que se está realisando ha tempos uma notavel evolução na imprensa republicana do paiz. Ha uma tendencia manifesta a mudar de processos, a adquirir outros rumos, a variar de orientação. A paixão cede o passo á justiça. O interesse de facção vae recuando deante do interesse de nação. Estuda-se mais. Percebe-se quaes são os grandes problemas da vida nacional, o interesse palpante, o interesse capital da nossa vida collectiva. Emfim, ha um progresso moral e intellectual indiscutivel.

Com prazer, repetimos, com vivo prazer o registamos. E se os nossos serviços, a nossa lealdade, a nossa sinceridade, a nossa antiguidade,—porque o *Povo de Aveiro*, se não nos enganamos, é, dos existentes, o mais antigo jornal republicano do paiz—nos dessem algum direito a fazer exhortações, exhortariamos os col-

legas a avancarem com firmeza e decisão n'esse caminho.

Eduquemos a nossa vontade, que é o elemento predominante na lucta pela vida. Querer é poder. Triumpham os homens, triumpham os povos mais tenazes e que com mais intelligencia sabem dirigir a sua vontade.

Queiramos ser leaes uns aos outros. Queiramos apertar o laço de solidariedade entre a imprensa republicana. E, depois, queiramos elevar o espirito publico, dedicando-nos, com a tenacidade dos fortes, a moralisar, a instruir, a educar.

Que não se esqueça a imprensa republicana, que tanto tempo e tantas occasiões tem perdido, de que está chegado o momento historico de atrahir, de chamar a si, novamente, o espirito publico, se quizer.

Ha de lutar para isso.

Precisa ainda de lutar.

Mas triumphará, fatalmente.

Transcripções

O *Debate* transcreveu as nossas ultimas *Cartas d'Algueres*.

A *Resistencia* transcreveu o nosso penultimo artigo: *Jornaes e jornalécicos*.

Agradecemos aos presados collegas a distincção que nos concederam.

O crime da travessa das Olarias

Foram aggravadas na Relação do Porto as penas aos réus Delmario dos Santos e José Gamellas em mais 2 annos de penitencia a cada um.

Ficam assim cumprindo: o Gamellas, 6 annos, e o Delmario, 4 annos.

Ao Chico da Marianna foi mantida a pena aqui applicada.

Asylo-escola José Estevão

Consta que o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, presidente da camara, tenciona propôr um novo regulamento para o funcionamento do asylo-escola José Estevão, tendo por objectivo proporcionar ás educandas d'aquella casa de caridade, um modo de vida pratico de melhores resultados do que aquelle a que teem estado sujeitas.

Diz-se que entre outras coisas crear-se-hão secções de costureiras de roupa branca, costureiras modistas e gaspeadeiras, ficando para mais tarde a criação de outras secções que a pratica fór aconselhando.

Tem para isso sua ex.ª o apoio da cidade inteira, pois que este novo melhoramento é tão sympathico como util e humanitario.

Alguna coisa aproveitarão para de futuro as infelizes asyladas, pois que até aqui apenas simples creadas de servir d'ali saham, e no geral poucas bendiziam a boa sorte que para lá as tinha arremessado.

E os resultados estão ali bem patentes.

ANNIVERSARIOS TRISTES

A publicação d'este numero do *Povo de Aveiro* coincide com dois dos mais tristes anniversarios na nossa vida historica.

Faz hoje 164 annos que foi queimado em Lisboa o infeliz Antonio José da Silva, victima da intolerancia religiosa.

Faz hoje 86 annos que foram enforcados, e depois queimados, em Lisboa, onze desgraçados, um d'elles uma grande gloria nacional, victimas do despotismo monarchico.

N'outro logar publicamos a commemoração especial da morte do infeliz Antonio José da Silva.

Da sentença que condemnou os outros infelizes extrahimos o seguinte:

«Portanto e o mais dos autos não por desautorados e privados de todos os privilegios, honras e dignidades de que gosavam n'este reino, de que igualmente não por desnaturalizados, os reus José Joaquim Pinto da Silva, José Campello de Miranda, José Ribeiro Pinto, Manuel Monteiro de Carvalho, Gomes Freire de Andrade, Henrique José Garcia de Moraes, José Francisco das Neves e Antonio Cabral Calheiros Furtado de Lemos, que se constituiram reus do horrorosissimo crime de lesa magestade de primeira cabeça e alta traição, classificado no § 5.º do titulo 6.º da ordenação do livro 5.º, e por isso incursos nas penas que lhes são impostas pela mesma ordenação no § 9.º, e os condemnamos a que com barão e pregão sejam levados, o réu Gomes Freire de Andrade á força, que se ha de levantar fóra da fortaleza de S. Julião da Barra, onde se acha preso, e os mais acima nomeados á força, que se ha de levantar no Campo de Sant'Anna, e n'ella padeçam morte de garrote para sempre; e depois de decapadas as cabeças, sejam com os seus corpos tudo reduzido pelo fogo a cinzas, que serão lançadas ao mar. E outrosim os condemnamos em confiscação e perdimento de todos os seus bens para o fisco e camara real, com effectiva reversão e incorporação na corôa dos morgados, feudo ou fóro, constituídos em bens que saíssem da mesma corôa, no caso de os haver, na forma da dita ordenação do livro 5.º titulo 6.º § 16.º, e do alvará de 17 de janeiro de 1759.

Nas mesmas penas condemnamos os reus: Pedro Ricardo de Figueiró, Manuel de Jesus Monteiro, Manuel Ignacio de Figueiredo e Maximiano Dias Ribeiro, que se associaram á infame sociedade e criminosa confederação, menos quanto a serem seus corpos e cabeças, depois de mortos, reduzidos pelo fogo a cinzas.»

Esta sentença foi lavrada a 15 de outubro de 1817 e assignada por Antonio Gomes Ribeiro, José Antonio de Oliveira Leite de Barros, João Velasques Sarmiento, Antonio José Guyão, João Antonio de Araujo e José Ribeiro Saraiva.

O bravo e illustre general Gomes Freire de Andrade foi enforcado na explanada da torre de S. Julião ás 9 horas da manhã do dia 18 de outubro. Os onze restantes condemnados foram enforcados no Campo de Sant'Anna, como mandava a sentença, co-

16 DE OUTUBRO.

Todo o espirito pratico d'esses povos da vanguarda é verdadeiramente admiravel.

Assim, na Inglaterra a previdencia chega a ponto de haver um corpo de funcionarios—*boy's beadies*—encarregados de dar caça aos garotos que fogem á escola. Sem isto, o ensino obrigatorio seria ainda sophismado. O pae poderia cumprir o dever de mandar o filho á escola. Mas o filho poderia deixar de cumprir a ordem paterna. Obrigar o pae a largar o seu trabalho para andar atraz do filho, vigiando-o, seria um contra-senso. Consentir que o filho illudisse a vontade do pae, seria um principio de relaxamento, de desobediencia, de insubordinação, que não se coaduna com o sentimento do dever, com o rigoroso principio de disciplina social que é indispensavel á boa educação. Além d'isso, eram rapazes que ficavam sem ensino. O ensino obrigatorio seria uma palavra vã, não tanto como em Portugal, mas, emfim, um pouquinho á moda portugueza.

Para cumulo de inconvenientes, rapaz que foge á escola é, por via de regra, um companheiro de vagabundos, um discipulo de criminosos, um camarada do vicio. Deixa-lo n'esse caminho é lança-lo á perdição.

A Inglaterra remediou tudo pondo na pista dos jovens *gazeteiros* individuos encarregados da missão restricta de os *farejar*. E não ha maneira de escapar a esses vigilantes, que conhecem todos os habitos e tendencias dos brejeiros.

Mas o ensino obrigatorio seria ainda sophismado, seria ainda illusorio, se em cada escola não houvesse uma classe especial para as creanças, que, pela sua insufficiencia intellectual, não podem aproveitar a lição commum. N'uma escola apparecem creanças muito intelligentes, creanças regularmente intelligentes e creanças estupidas. É claro que o mestre, não podendo nem devendo regular por estas o andamento do ensino, que se gradua pelas creanças de mediana intelligencia, em certo ponto abandona-as. E os pobresitos ficam na sua eterna escuridão, alvo da troça, ainda por cima, da zombaria, do sarcasmo d'aquelles com quem a natureza foi mais prodiga em dons.

Não podiam os paizes da luz ser padastros d'esses desprotegidos da intelligencia. E na Suissa, na Inglaterra, nos paizes scandinavos e em outros, ha, em cada escola, uma classe especial para estupidos.

Sempre o mesmo espirito de previdencia. Sempre o proposito firme, resolutivo, inabalavel, de instruir, de elevar, de educar.

Como se sabe, Portugal é, depois de Marrocos, o paiz menos disciplinado das visinhanças da Europa. E digo das visinhanças da Europa, porque, sendo eu verdadeiramente patriota, dos que mais amam a terra em que nasceram, dos que menos prazer, por isso, tem em a ver humilhada ou deprimida, quando estudo, e admiro, os progressos enormes d'esses paizes da civilização, não posso deixar de reconhecer, com mágua, que já não estamos na Europa, e que, verdadeiramente, isto é, como dizia o outro, o calcanhar do mundo.

A nossa indisciplina é pavorosa. Ora querem saber quando a disciplina começa na Suecia?

Oicámos outra vez o sr. Antonio Feijó:

«Em todas as escolas se observa a mais rigorosa disciplina. As creanças não entram nas aulas nem sabem das escolas em massa ou em debandada; é sempre de baixo de fôrma, dois a dois, marchando a passo e na ordem mais completa, mesmo quando se dirigem para o logar do recreio. Só

depois lhes é permitido correr e brincar á vontade. Findo o tempo de descanso, a um signal do director, as creanças mettem-se de novo debaixo de fôrma, escalonando-se por secções como os soldados de um regimento, e voltam para as aulas sem confusão nem ruído. A ordem nas fileiras é mantida por decurções, escolhidos pelos professores de entre os discipulos mais distinctos.

Terminadas as aulas, as creanças não sahem livremente do edificio escolar. Para evitar as correrias em debandada pelas ruas da cidade, as classes são agrupadas em companhias, segundo os diversos bairros, cada uma com o seu commandante designado pelo professor. As companhias sahem debaixo de fôrma, a dois de fundo, e as creanças vão abandonando a fileira á medida que passam deante das suas respectivas casas.

Estes preceitos regulamentares são cumpridos com o maximo rigor, como toda a gente pôde observar passando em frente de um edificio escolar á hora em que terminam as aulas. Nas muitas visitas ás escolas de Stockolmo, algumas d'ellas frequentadas por mais de 2.000 alumnos, este espirito de ordem e disciplina, tão escrupulosamente observado, não foi dos factos que me causaram menor surpresa e admiración.

Os castigos corporaes só são permitidos em circumstancias graves e a sua applicação deve ser feita na presença de testemunhas.»

Assim se vai incutindo no homem, desde a infancia, o sentimento do dever. Assim o vão habituando aos principios de ordem, de respeito, de disciplina, sem os quaes, dentro do direito, não ha sociedade bem organizada.

Em Portugal succede precisamente o contrario. Aqui, toda a atmosfera que se respira, desde o berço, é uma atmosfera de indisciplina, de desrespeito, de desordem. É a *liberdade*. E analysada esta *liberdade*, toda ella é um tecido de arbitrariedades, de iniquidades, de espantosas violencias.

Deus nos livre, em Portugal, d'obrigar um menino a ser respeitador, comedido, obediente. O menino quer-se *travesso*, que, na nossa terra, é o mesmo que dizer: malcreado, insolente, brutal. E malcreado, insolente e brutal ficou até morrer.

O garoto é a synthese da sociedade portugueza. Garoto de pé calçado e de pé descalço, de gravata e sem gravata, rico e pobre, fidalgo e plebeu, das escolas de instrução primaria e das escolas superiores, garoto que nos começou a apedrejar na rua e que nos apedreja, depois, em toda a parte. Garoto que faz chacota de tudo quanto é sério, garoto que se ri de tudo quanto é nobre, garoto que zomba de todas as aspirações de justiça, garoto que escarnece todos os ideaes.

Garoto que conhecemos de calça curta e que, mais tarde, de frente comnosco de casaca. Garoto que continúa a pedir como homem o que lhe permitiram largamente como creança: o direito de apedrejar e fugir.

Sómente!

E eis porque toda a nossa *liberdade* se limita a isso, afinal. É a unica que temos. Fora d'esse direito de apedrejar e fugir, tudo o mais é uma violencia, é uma iniquidade sem nome, calcar o fraco impunemente, e, consequentemente, beijar com humildade o pé dos que são fortes, legitima consequencia, aliás, do referido direito.

E fala o nosso prezado collega O Debate na municipalização dos serviços publicos! Sim, sim, caro collega, excellente coisa, mas n'esses paizes onde o homem recebe a educação que acabamos de ver. Onde o homem não tem o desprezo do trabalho. Onde o homem não é um ocioso. Onde o homem, trabalhando, sabe trabalhar. Onde

ANTONIO JOSÉ DA SILVA

18 de Outubro de 1739

Mais conhecido em geral pela alcunha de *Judeu*, nasceu elle em 8 de Maio de 1705, no Rio de Janeiro, de uma familia de antigos judeus abastados; veio para Lisboa aos 8 annos de idade, por causa de perseguições do Santo-Officio á sua familia.

Em 1726, cursando a Universidade de Coimbra, foi preso com toda a familia pela Inquisição, que provavelmente lhe cubigava os bens. Antes de 1735 (epoca provavel do seu casamento com Leonor de Carvalho, tambem martyr das perseguições inquisitoriaes) começara a escrever para o theatro, compondo, em horas de ocio da advocacia no escriptorio de seu pae, a comedia *El prodigio de Amarante, S. Gonçalo, Amor vencido de amor* (especie de zarzuela), e os *Amantes de Escabeche*.

Construiu as comedias á maneira hespanhola, modificada pelas innovações da alliança do dialogo com as *modinhas*, elemento lyrico nacional que usava com as doces cadencias brazileiras (reminiscencias patrias, talvez despertadas pelas operas que Pagheti fazia representar no Theatro do Largo da Trindade.)

Em Outubro de 1733 estreou-se no Theatro do Bairro Alto (situado aonde hoje é o Pateo do Conde de Soure), com a opera (que assim se chamava ás suas composições) da *Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pansa* (assumpto que já fora tratado n'um entremez lyrico da collecção *Musa Jocosá*), opera que desenvolveu mais com a ampliação das *modinhas*, e com a critica dos costumes do tempo. Em abril de 1734, foi representada no mesmo theatro a *Esopaida ou vida de Esopo* (verrina de notavel graça pelo bem achado dos ridiculos da sabedoria escolastica dos grandes doutores tonsurados, os quaes acharam n'este ataque á sua sciencia motivos para acerbar os grandes odios que notriam contra o poeta). Em 1735 representaram-se tambem no Theatro do Bairro Alto, *Os Incantos de Medea* (onde o rei, a corte, e a sociedade de então soffreram uma verdadeira e forte asnuada, que fazia estorbar a gargalhada pelo chiste das situações); era uma ousadia que depois de Gil Vicente ninguem mais tivéra, e que Antonio José havia de pagar por ambos na fogueira. O poeta achára o gosto do publico do seu theatro, e este o seu interprete; portanto em Maio de 1736 appareceu o *Amphytrião ou Jupiter e Alcega* (que segundo as opiniões dos modernos, é a symbolização de D. João V entrando disfarçado, no Convento de Odivellas, ou indo vestido de mendigo beliscar as fidalgas bonitas na penumbra da capella do Santissimo Sacramento). Defendido n'estas audacias, apenas pelo publico das suas operas, contra o odio do Santo-Officio,—ainda assim, n'este anno fez representar a comedia *Labyrintho de Creta* (satyrição do demasiado culto dos poetas da Arcadia pela Mythologia). No carnaval de 1737 representou-se a opera *Guerras do alexim e mangerona* (tirada das rivalidades dos dois ranchos d'estes nomes, formados na sociedade elegante, que principalmente frequentava Cintra, e da liberdade licenciosa dos costumes, que tendiam pela acção libertinosa da corte, a tirar a familia portugueza da antiga taciturnidade monastica). Em 1737 escreveu para o seu theatro as operas *Variedades de Proteu*, e *Precipicio de Phaetonte*. Quando esta chegou a entrar em scena, já o poeta jazia nos carceres da Inquisição, aonde, pela suspeita de judaismo, foi lançado aos 33 annos de idade com a esposa, que deu á luz na propria prisão um filho.

A 18 de Outubro de 1739 a *santa* Inquisição vingou-se, na fogueira, d'aquelle que tivéra a incrível audacia de, sem ser dos seus, ter talento, e que tentára achar a corrente no nosso theatro nacional, que observára e verberára conscienciosamente os ridiculos do seu tempo, que fizera rir uma multidão imbruteada pelo fanatismo, e que tivéra ainda mais a imprudencia de possuir alguns bens de fortuna; e, não contentes aquelles frades de S. Domingos com a vingança

que tinham tirado do auctor das operas populares, levaram a responsabilidade dos crimes de Antonio José até a mulher, ao filho recém-nascido no carcere, a um outro de anno e meio de idade, e a toda a familia do poeta, desgraçadas victimas que apodreceram nas inquisitoriaes masmorras!...

O Theatro do Bairro Alto perdeu o esplendor, e, como n'uma epocha em que uma idéa podia ser um crime não se achava facilmente quem escrevesse, aquelle pobre theatro teve que voltar novamente aos antigos espectaculos de bonifrates. Entretanto a influencia do poeta não se perdeu logo; os livreiros reproduziram as suas obras (anonymamente, porque o nome d'elle era um anathema).

IMPAGAVEIS

O *Campeão das Provincias*—dizem-nos, que nós, como já dissemos, não lêmos esse papel—tambem desmente a affirmação feita pelo sr. D. Miguel de Alarcão, em carta aqui publicada.

Mas então o sr. Barboza de Magalhães deu homem por si, ou como foi? Como dizemos hoje n'outra parte do *Povo de Aveiro*, o sr. Homem de Mello nada tinha com o sr. Firmino de Vilhena desde que appareceu o sr. Barboza de Magalhães. O periodico do sr. Barboza de Magalhães, porém, como o periodico do sr. Jayme Lima e do sr. Mattoso, que rem, á fina força, que o sr. Homem de Mello tivesse obrigação de se atirar ao sr. Firmino de Vilhena, quando este lhe appareceu debaixo dos Arcos.

Então o sr. Barboza de Magalhães é e não é, está e não está, como o *Mané Coco*?

Escrevem do *remanso da formosa vivenda* da quinta da Granja, telegraphou, gritou, apitou, correu para... o Firmininho continuar da mesma fôrma a ser o responsavel pelo artigo de que Barboza de Magalhães se confessou auctor!

E ali está explicado porque Barboza de Magalhães não quiz dar explicações nem reparações pelas armas.

Aclarou-se o mysterio!

A NOSSA CARTEIRA

Regressaram da praia do Pharol a esta cidade, os srs. João Marques da Cunha, Manuel Gonçalves Netto e Francisco Augusto da Silva Rocha.

Esteve aqui na quarta-feira, o sr. Guilherme Taveira, abastado capitalista d'esta cidade.

Encontram-se na Costa Nova, a fazer uso de banhos, os srs. Caetano Christo e Eugenio Ferreira da Costa.

O «Pilha-gallinhas»

Foi preso no Bom-successo o celebre gatuno Antonio Ratolla, mais conhecido pelo *Pilha-gallinhas*, na occasião em que, com chave falsa, tinha penetrado n'uma taberna do sr. Antonio Gonçalves Bartholomeu e se dispunha a roubar-o, como tantas vezes já o tinha feito.

Porém, uma creada do sr. Bartholomeu, encarregada da mesma taberna, tendo por diversas vezes suspeitado de varias faltas que tivera em dinheiro e generos, pediu a tres cabos de policia para ali ficarem algumas noites. E tão afortunados foram que n'uma d'ellas apanharam o *rato na ratoeira*.

O meliante, que tem respondido aqui por proezas eguaes, chegou a offerecer ao sr. Bartholomeu duzentos mil réis para o deixar em liberdade.

No acto da captura foi-lhe encontrada uma navalha e um revolver.

Consta-nos que os habitantes d'aquelle logar e outros proximos desejam vir pedir ás justicas d'esta comarca o maior rigor para o ratoneiro e o seu desterro para outra parte, pois que andam constantemente em sobresaltos com a sua presença ali.

meçando a execução pelo meio da tarde do mesmo dia 18 e acabando ás 11 horas da noite.

O povo fanatisado assistiu com alegria a estas execuções, excitado pelo clero, que lhe apontou os infelizes como inimigos da *santa religião*. Em todas as parochias e egrejas dos conventos do patriarchado de Lisboa se cantou, e rezou onde não se podiu cantar, a missa votiva de Nossa Senhora em acção de graças, *pelo beneficio* (textual) *recebido do mallogro da projectada conspiração*, ajuntando-se-lhe no fim o hymno *Te Deum Laudamus* com o Santissimo Sacramento exposto. Eguamente no mesmo dia se disse em todas as missas a oração *pro gratiarum actione*.

Assim mais uma vez se prova que o clero foi sempre inimigo da liberdade e da civilização. Procurou sempre—tratamos do clero catholico—manter o povo na ignorancia, na estupidéz, no fanatismo.

Os denunciadores dos infelizes foram os capitães Pedro Pinto de Moraes Sarmento e José de Andrade Corvo de Camões.

Este, sobretudo, era um grandissimo patife.

É claro que nem faltariam hoje, sendo precisos, juizes para condemnar á força e á fogueira os amigos da liberdade, do progresso, da civilização d'este paiz, nem tratantes militares ou civis, para os denunciar.

É quantos queiram. Apparecem ás duzias.

Para destruir os males que vos opprimem não ha outro caminho senão o da revolução: tende-o presente e não o esqueçaes. A paz da luz deve ser precedida pela noute da luta e da guerra.

VICTOR HUGO.

BOM ARTIGO

Sob este titulo *Viagem Régia ao Brazil*, publicava na quarta-feira o nosso collega *O Mundo*, um artigo editorial, cheio de bom criterio e verdade.

Ora por ahí é que é dar-lhe.

Estamos d'accordo com o articulista.

Falta de navios

Vae grande sobresalto n'esta cidade por ha bastanta tempo se não saber do paradeiro da chalupa *Maria dos Dóres*, da nossa praça. A tripulação é quasi na sua totalidade de Aveiro e Ilhavo, motivo porque aqui e n'aquella villa a anciedade é grande.

Oxalá Deus os traga a porto de salvamento e que as más previsões não passem de vãs chimeras.

O navio pertence ao sr. José da Silva Pereira, d'esta cidade, sendo este senhor o seu commandante.

Tambem não ha noticias do hiate *Beatriz*, propriedade dos srs. Antonio Ferreira Felix e Custodio Domingos Magano, o primeiro d'esta cidade e o segundo d'Ilhavo, e que d'aqui tinha seguido para Caminha com carregamento de sal. A tripulação é de Ilhavo.

A ultima hora soube-se por telegramma que o hiate tinha arribado a Vigo.

Ainda bem.

PRAÇA MUNICIPAL

Acha-se já concluido mais de metade do calcetamento da Praça Municipal.

Se o tempo o permittir, é provavel que fique concluido até ao fim do mez de novembro.

O sr. presidente da camara projecta depois gradear o muro de suporte junto ao correio, melhoramento que de ha muito estava sendo reclamado.

o homem sabe pensar e sabe executar. Onde o homem tem habilitação de economia e princípios d'administração. Onde o homem tem método. Onde o homem tem o sentimento do dever e a noção e o respeito da solidariedade. Onde o homem é homem.

Em Portugal, bella aspiração, mas só isso por enquanto.

Façamos o homem. Esse é o trabalho primordial da vida portuguesa.

Por ora não temos o homem, temos o selvagem.

O selvagem!
O selvagem!

A. B.

A alegria dos grandes são as lagrimas dos pequenos, dos opprimidos, dos aviltados.

ASSUMPTOS LOCAES

Ainda duas palavras, para finalizar, sobre a scena dos Arcos.

Os orgãos dos morgados não fazem senão agravar a situação.

Quem não é partidario do desforço por meio do duello, não pôde ser partidario do desforço á bengalada ou a murro. Se é partidario do desforço á bengalada e ao murro, então hade dar aos outros o pleno direito de serem partidarios do desforço por meio do duello.

Isto é que é logico e é que é digno.

Portanto é ignobil, como sempre, a conducta do immundo pasquim do sr. Jayme Lima, applaudindo o sr. Firmino de Vilhena e o sr. Barboza de Magalhães por terem rejeitado o duello e applaudindo o mesmo sr. Firmino de Vilhena por ter apparecido debaixo dos Arcos, com uma matula, a provocar o sr. Homem de Mello e as suas testemunhas.

O sr. Jayme Lima é o protector do immundo pasquim. E' o seu director, como os réles gazeteiros declararam, ha pouco tempo ainda, a dois cavalheiros que exigiram a declaração do nome do director da papeleta. O sr. Jayme Lima foi testemunha n'uma pendencia por causa d'um artiguelho, porco e infame, publicado no seu jornal. N'essa pendencia reconheceu o sr. Jayme Lima que o auctor do artiguelho calunhiara indignamente o sr. Homem de Mello, pois fizera contra elle accusações infamantes sem provas e nem sequer indícios da verdade do que dizia, e sómente como vingança por se convencer, o pasquim abjecto, de que o sr. Homem de Mello fôra o auctor d'uma carta anonyma que lhe contrariou uma pretensão.

Isto escreveu-se n'uma acta, —a tanto se desceu em Aveiro! —e essa acta foi referendada pelo sr. Jayme Lima.

O mais elementar principio de seriedade é bom senso impugna, portanto, agora, ao sr. Jayme Lima, o dever de não consentir que no seu periodico, passados mezes apenas, se escrevessem garotices, calumnias, infamias, como sempre, a respeito do sr. Homem de Mello, n'uma nova pendencia em que vinha envolvido o nome d'este cavalheiro e que estava liquidada.

Este é o facto. O sr. Jayme Lima não sabe a triste figura que está fazendo. Porque, das duas uma: ou tem força, ou não tem, para se impôr aos escrevinhadores ignobéis. Se tem, é elle e só elle o responsavel pelo que se escreve na papeleta immunda. Os outros não passam de serventurios abjectos. Se não tem, o seu valor moral e politico é inteiramente nullo, e o seu nome passou a ser um simples escudo com o qual se acobertam e defendem uns garotos despreziveis. Tanto mais sendo certo que o sr. Jayme Lima continúa a escrever todos os domingos no pasquim, o qual não deixou ainda de se declarar orgão da sua politica em Aveiro.

res ignobéis. Se tem, é elle e só elle o responsavel pelo que se escreve na papeleta immunda. Os outros não passam de serventurios abjectos. Se não tem, o seu valor moral e politico é inteiramente nullo, e o seu nome passou a ser um simples escudo com o qual se acobertam e defendem uns garotos despreziveis. Tanto mais sendo certo que o sr. Jayme Lima continúa a escrever todos os domingos no pasquim, o qual não deixou ainda de se declarar orgão da sua politica em Aveiro.

Ou os garotos são simples instrumento do sr. Jayme Lima, ou o sr. Jayme Lima é simples instrumento dos garotos.

Em qualquer dos casos a situação do sr. Jayme é uma situação desgraçada.

Que um garoto se esquecesse de que se confessou calumniador infame do sr. Homem de Mello, para vir agora caluniar infamemente, de novo, o mesmo sr. Homem de Mello, dizendo que Firmino de Vilhena lhe tocou no cotovello, que o sr. Pinto dos Santos declarou ao sr. Barboza de Magalhães que não levantaria qualquer suspeição lançada sobre o sr. Homem de Mello, e outras infamias da mesma natureza, vá. O gazeteiro immundo está muito abaixo do seu congénere da *Corneta do Diabo*. Mas que o sr. Jayme Lima o consinta, depois de ter publicamente reconhecido o pasquim como torpe e indigno, é verdadeiramente monstruoso.

Nunca em Aveiro se desceu tanto. Nunca esta politica foi tão asquerosa. Nunca houve aqui uma papeleta tão repugnante, tão suja. Nem ha hoje outra igual no paiz.

Estava toda essa gloria reservada ao sr. Jayme de Magalhães Lima!

Aquillo não é jornal. Aquillo é repositório nojento de todas as calumnias, de todas as mentiras, de todas as infamias. Allí se calunha, se mente, e se infama por habito, por systema, por interesse, por officio.

No entanto, aquillo é orgão da politica do sr. Jayme Lima, e allí escreve o sr. Jayme Lima todos os domingos!

Esta é a verdade, que ninguém contesta, que ninguém pôde contestar.

O sr. Jayme Lima, á face da verdade e da justiça, por maior que seja a benevolencia com que se queira encarar a sua situação, não tem defeza possível.

Pelo que toca ao sr. Barboza de Magalhães, cada vez se salienta mais a sua incorrecção.

Tambem este senhor não devia consentir que o *Campeão das Provincias* fizesse estenda da triste scena que se passou debaixo dos Arcos, scena evidentemente preparada, evidentemente premeditada.

A pendencia com Firmino de Vilhena estava liquidada ha muitos dias. Desde que o sr. Homem de Mello seguia o caminho do duello toda a gente calculava que o sr. Homem de Mello repudiava as scenas de pugilato. Bastava isso para tornar caricata a pimponice do sr. Firmino de Vilhena. Mas ha coisa mais importante. Desde que apparecera o sr. Barboza de Magalhães a declarar-se auctor do artigo, a respon-

sabilidade do sr. Firmino de Vilhena cessava por inteiro.

No dia da *valentia* dos Arcos, qual era a pendencia que se liquidava, era a do sr. Firmino de Vilhena ou era a do sr. Barboza de Magalhães?

Era a do sr. Barboza de Magalhães. E esta annullava a outra.

Que tinha o sr. Homem de Mello que liquidar, n'esse momento, com Firmino de Vilhena? Nada. Absolutamente nada. Firmino de Vilhena desapparecera para surgir como unico responsavel Barboza de Magalhães.

Como havia, então, o sr. Homem de Mello de desatar ao murro ou á bengalada no sr. Firmino de Vilhena quando o encontrasse, mesmo na hypothese de ser partidario d'essas soluções?

Que formidavel estupidez, além de tudo!

Não vêem que só conseguem, falando no assumpto, deixar cada vez mais descoberta a sua imbecilidade, á sua estupidez!

Vão para debaixo dos Arcos, em grupo, com palavra dada, em scena premeditada e preparada, esperar um homem que apparecendo acompanhado das suas testemunhas não podia, em caso algum, desatar ao murro ou á bengalada no proprio individuo com quem essas testemunhas houvessem, horas antes, liquidado uma pendencia. Proclamam uns, insinuam outros, que, não obstante, o sr. Homem de Mello procedeu com covardia não desatando á bengalada ou ao murro a esse cidadão. Valentes eram elles que esperavam o sr. Homem de Mello aos bandos! Mas, para cumulo de ridiculo, esquecem-se de que o individuo que esperava o sr. Homem de Mello não era o sr. Barboza de Magalhães, unico responsavel n'esse instante, mas o sr. Firmino de Vilhena, que já não tinha responsabilidade nenhuma.

E eis como, á força de pretenderem réclames, só demonstraram que, além de tudo, são estúpidos.

São tudo aquillo que se tem visto, que se tem demonstrado, que se tem provado.

Mas são tambem aquillo que nunca deixaram de ser, que foram sempre primeiro do que tudo e acima de tudo: estúpidos!

Estúpidos!
Sempre estúpidos!
E não voltaremos a este assumpto.

Mas voltaremos a outros que se relacionam com a politica local.

Na Costa Nova

Realisa-se hoje n'esta praia uma esplendida festa de despedida dos banhistas d'esta estancia balnear, cujo programma é o seguinte:

Corridas de bateiras; moliceiros á vara e vela; de bicycletas, de saccos, mastro de *cocagne* na ria.

De tarde e á noite, fogo, bandeiras e musica. Haverá tambem illuminação nos palheiros. Reina grande entusiasmo por estas diversões.

Na correspondencia de Aveiro para a *Soberania do Povo* lê-se o seguinte:

«Vem *D. Frei Canguinhas* latindo no seu pasquim contra o sr. dr. Homem de Mello, em resposta ao digno prior de Ricardães, por este sr. se ter despedido de assignante, dizendo entre outras baboseiras do seu réles bestunto, que se atacava e insultava o illustre deputado por este circulo, era porque sua ex.ª recomen-

dava no seu jornal, ou nos seus jornaes, referencias desamorosas e destrambelhadas a amigos seus, muito presados, e que por isso não podia deixar de o burripar com substancias adstringentes... etc., etc.

Ora o mariolão do insultador e diffamador-mór, que em Aveiro não possui um unico amigo, a não ser o collega a quem atraçou coarde e canalhamente no proprio pasquim em que rabisca, confessa assim deslavadamente que tem insultado e calumniado o sr. dr. Manuel de Mello, por outros jornaes e outras pessoas o terem vergastado *desamorosa e destrambelhadamente*, como se o sr. dr. Homem de Mello tivesse culpa ou responsabilidade com os actos d'outrem!

Esta só ao diabo lembra e á cabeça d'abobora do *D. Frei Canguinhas*, que tambem já em tempo, depois de ter obtido do sr. Castro Mattoso o emprego que hoje disfructa, o insultou por occasião d'uma eleição na Oliveirainha, não sendo de extranhar que elle hoje lhe faça *salamaleques* e que amanhã o torne novamente a insultar.

Está-lhe na massa do sangue. Mas doe-lhe como ao relago sendeiro dóe a serrilha debaixo da queixada, as amargas verdades com que ás vezes aqui o fustigamos. E doe-lhe porque lhe tocamos nas feridas e lhe sabemos dar no vinte.

O pulhastra, que merito só tem para o insulto soez e para regateirices de rameira avinhada e asquerosa, não quer por modo algum que lhe tocamos na pelle, e por isso vingase a insultar os outros, sem se lembrar que com isso se colloca no mais infimo grau do causalismo.

Quer o rafeiro vil ladrar impune e á vontade ás canellas de todos!

Pois não ladrará.»

PUBLICAÇÕES

Alma triste, por Guedes Teixeira.

O sr. Guedes Teixeira é já conhecido no nosso meio litterario como um poeta de valor. O seu novo livro de versos confirma essa reputação, affirmando novamente o talento do auctor.

E' um poeta de sentimento, *d'alma triste*, como o titulo do livro vem dizer. *D'alma triste* e resignada. Nós antes o queriamos *d'alma revoltada*.

Mas cada um tem o seu temperamento. E com todos os temperamentos se pôde sentir com elevação e com elevação e primor dizer o que se sente.

Do livro, que é todo elle bem feito, extrahimos estes versos: *As Aves*, dedicados a Leão XIII, a proposito da gaiola de passaros que o fallecido papa tinha na sua sala preferida:

Deixa-as fugir, partir ao sol contente,
Pra liberdade que tu tens e eu,
Que Deus é tanto, como o sol ardente,
Pra nós como pra a ave que o entendem.

Disse Jesus: —qu'importa que a semente
Caia na terra ou n'um rochedo seu?!
Na terra fertil alimenta a gente,
Sobre um rochedo as aves do ceu.»

Do ceu, meu Padrê: são do ceu, portanto!...
Tu que sabes ouvir todo o gemido,
Deixa-as erguer a Deus todo o seu encanto!

Os astros é que são as suas casas...
E para os anjos vivem ter contigo
E-te preciso restituir-lhe as azas.

Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido.

Terras Maldivas, romance hespanhol, de Blasco Ibañez, traducção de Napoleão Toscano.

De *A Editora* recebemos este volume, escripto por um dos modernos litteratos hespanhoes de maior talento e cotação.

E' excellente, como quasi todos os volumes do mesmo genero publicados pela *Editora*, obras primas da litteratura estrangeira.

Da *Bibliotheca Popular de Legislação*, que presta relevantes serviços reduzindo a volumes toda a nossa legislação, recebemos as **Instruções para execução do regulamento dos serviços**

de inspecção e fiscalisação dos generos alimenticios, o Regulamento do ensino de pharmacia, as Instruções para o serviço do imposto sobre Especialidades Pharmaceuticas e o Regulamento da Contribuição Predial Urbana.

Cada um d'esses folhetos custa 200 réis.

Tratado de Contabilidade, por Ricardo de Sá.

Recebemos as cadernetas 7, 8, 9, 10, d'esta publicação da *Editora*, á qual já nos temos referido.

As cadernetas sahem semanalmente, ao preço de 70 réis cada uma, com 16 paginas. Assigna-se no Largo do Conde Barão —LISBOA— e na provincia em casa de todos os agentes.

A GAROTADA

A garotada do pasquim anda infeliz em toda a linha. A descambar para o monturo, d'onde sahiu, escoicinha e morde até em quem os tem acariciado.

Mas o diabo é que tambem se lhes partem os dentes e d'aqui a pouco nem gengivas já terão para morder.

São os ultimos estertores da canalha réles.

O sr. Alfredo Rodrigues Coelho de Magalhães, um espirito esclarecido e uma alma de eleição, revoltado pela maneira atrevida e acanalhada (propria do cano onde habitam), como o pasquim se dirige a cavalheiros que a toda a gente seria mereca consideração e respeito, enviou cartas abertas á redacção do *Progresso de Aveiro* e onde dasassombadamente e com verdadeira razão se mostra admirado como o sr. Jayme de Magalhães Lima não sinta náuseas quando se lembra que está associado áquella redacção.

Isso sim. Gostos, gostos é que elle sente.

Se assim não fosse já teria corrido de vez com a corja de maltrapilhos que o adulam, que lhe lambem as botas e que se acobertam com as suas costas para insultar cavalheiros de probidade reconhecida.

Um visionario casado é um homem morto a bordo de um navio em tormenta; os filhos são as barras de ferro que lhe amarram o cadaver para ir mais depressa para o fundo.

CAMILLO C. BRANCO.

SOL-POSTO

REABRIU o seu antigo estabelecimento, no Sol-Posto, o sr. João Francisco Pedro, e agora com excellente vinho, genuino do Cartaxo, que tem feito as delicias de muitos amadores d'aquella magnifica qualidade, e que vende por preço convidativo.

Esta taberna esteve fechada algum tempo por seu dono não poder estar á testa d'ella em virtude de um logar que tinha de ir occupar no Cartaxo e que perdeu por ter sido traiçoeiramente levado a responder em juizo, onde foi justamente absolvido.

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que for applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submitter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

No mesmo estabelecimento tomam-se encomendas de «marés» de Junco.

Bibliotheca HORAS ROMANTICAS

Collecção de obras litterarias e scientificas notaveis, dos melhores auctores, antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros

CEM RÉIS CADA VOLUME

ROMANCE, POESIA, THEATRO, ARTE, HISTORIA, CRITICA

Edições esmeradamente revistas, traducções confiadas aos melhores escriptores, obras de auctores antigos e contemporaneos

PUBLICAÇÃO MENSAL AOS VOL. DE 160 A 200 PAG.

100 réis o volume

Cada pagina de leitura por menos de um real

IDÉA E FINS DA PUBLICAÇÃO

O fim d'esta publicação é o de concorrer para que o povo portuguez conheça a sua litteratura e a dos outros povos, por meio da vulgarisação d'obras primas tornando-as familiares e accessiveis a todos. De nenhum outro modo poderia a Bibliotheca Horas Romanticas conseguir este seu principal objecto, que não fosse o de se facilitar ao alcance de todas as fortunas, pelo seu preço baratissimo.

A Bibliotheca Horas Romanticas publicará de cada auctor, o mais selecto, o melhor, o que é indispensavel ser conhecido. O seu formato será elegante, commode e portatil. Abundantissima a leitura de cada volume. A sua barateza inexcelsivel.

E' nosso empenho conseguir que a Bibliotheca Horas Romanticas seja tão instructiva como delectosa; que os seus livros possam chegar ás mãos de todos constituindo em todas as familias e em todas as corporações associativas uma encyclopedia consoladora, a qual todos estimem e tragam frequentemente manuseada. Os volumes da noosa Bibliotheca offerecerão a facilidade de serem lidos durante os ocios das diversas occupações quotidianas de cada leitor. A Bibliotheca Horas Romanticas será uma collecção preciosa de verdadeiras obras primas.

VOLUMES PUBLICADOS

N.º 1 a 3—«Quo vadis?» por Henry Sienkiewicz.—N.º 4—«Viagem e aventuras de Lazarillo de Tormes», por Diego Hurtado de Mendoza e H. de Luna.—N.º 5—«Eulalia Pontois», por F. Soulié.—N.º 6—«A amareira fatal», por E. Berthet.—N.º 7—«O Senhor Eu», por Salvatore Farina.—N.º 7 e 7b—«O fogo», por Gabriel d'Annunzio.—N.º 8—«Caricias d'uma noiva», Bjornstjerne de Bjornson.—N.º 9—«Palavra de soldado», por Jorge Elwall.—N.º 10—«A pelle do Leão», por C. de Bernard.—N.º 11 a 13—«A morte dos Deuses», por Dmitry de Merejkowsky.—N.º 14—«A corda do carrasco», por Pafosi.—N.º 15—«Idyllios á beira d'agua» (2.ª edição), por Alberto Pimentel.—N.º 16—«Terras malditas», por V. B. Ibanez.

Remette-se qualquer d'estes volumes, FRANCO DE PORTE, a quem enviar a sua importancia á «A Editora» (antiga casa David Corazzi)—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

ANNUNCIOS

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empreza previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em leilão todas as segunda-feiras ao meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.

As condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, esturme, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

METHODO JOÃO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br. 200 réis, cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 5000 réis.

Quadros parietaes, ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 6000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos CADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebradas polemicas sobre questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, methodo de João de Deus, com prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 5.0 réis.

Prosas, Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis

Campo de Flores, 3.ª edição de versos, coordenados pelo dr. Theophilo Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indispensavel para os que ensinam a ler pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS
 Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra
 Extrahê, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras
 R. DIREITA, 58, 1.º Aveiro

BAGAÇOS ALIMENTARES
 VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Marin, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os meliores bagaços para alimentação de todos os animaes.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA
 DA ACREDITADA FABRICA "PFAFF."
 Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN
 São estas as melhores machinas de costura

A machina «PFAFF» para costureiras.
 A machina «PFAFF» para alfaiates.
 A machina «PFAFF» para modistas.
 A machina «PFAFF» para sapateiros.
 A machina «PFAFF» para seleiros.
 A machina «PFAFF» para correiros.
 A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
 A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
 Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
 Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
 Conserta-se machinas de todos os systemas.
 Peçam catalogos illustrados que se remellem gratuitamente.
 Pedidos a

José Maria Simões & Filho
ANADIA—SANGALHOS

LIVRO COMMERCIAL
 TRATADO DE CONTABILIDADE
 Pelo guarda-livros RICARDO DE SÁ
 Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Atheneu Commercial de Lisboa Perito ante os tribunaes Commercial e Civil. Publicista

E' sobejamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisamos recomendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.

Esta obra compôr-se-ha approximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 réis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50—LISBOA; e no Porto, na Livraria Chardron de Lello & Irmão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

RUDIMENTOS DE AGRICULTURA
 POR ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO
 LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO PELA DIRECCÃO GERAL D'INSTRUCÇÃO PUBLICA
PREÇO PELO CORREIO, 280 RÉIS

A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na **CASA EDITORA LIVRARIA AILLAUD** Rua do Ouro, —242-1.º LISBOA

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO
 POR JOÃO DE MENEZES
 A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.
Preço 200

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO
 75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ARMAZENS DA BEIRA-MAR
 DE MANUEL GONÇALVES MOREIRA
 PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22.
 R. DOS MERCADORES, 1 A 5
AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES: Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem e senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviamencommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.